

COPING E BURNOUT EM AMBIENTES CONFINADOS: Evidências de Trabalhadores Offshore

GABRIEL FREDERICO PEREIRA DE MACEDO
CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES

NAIRANA RADTKE CANEPPELE
CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES - MG

JEFFERSON RODRIGUES PEREIRA
CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES - MG

ADRIANE FABRICIO
UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (UNIJUI)

COPING E BURNOUT EM AMBIENTES CONFINADOS: Evidências de Trabalhadores *Offshore*

1. INTRODUÇÃO

O movimento natural das relações de trabalho e reestruturação das cadeias produtivas evoluem de acordo com a necessidade em diversas formas e modelos. O aumento progressivo dessas mudanças tem contribuído fortemente para o surgimento de problemas de saúde física e mental ocasionados pelo estresse, fenômeno que acarreta prejuízos tanto para os indivíduos quanto para as organizações (Nielsen, 2012). Esse fenômeno afeta não apenas a saúde física e mental dos indivíduos, mas também compromete a eficiência operacional das organizações (Nielsen, 2012). O quadro pode se agravar ainda mais quando se tratar de ambientes isolados, confinados e extremos como as plataformas em alto-mar comumente denominadas de plataformas offshore (Chen et al., 2005), onde as condições de trabalho exigem adaptações físicas, emocionais e sociais singulares.

A produção em águas profundas e ultraprofundas é hoje uma realidade, sustentada por uma infraestrutura tecnológica robusta e por uma força de trabalho especializada (ANP, 2023; Petrobras, 2023). O cotidiano desses trabalhadores é marcado por turnos contínuos, jornadas exaustivas, confinamento, isolamento social e exposição a riscos operacionais e ambientais, fatores que contribuem para o desgaste físico e emocional (Barbosa & Alvarez, 2016; Barros, 2021).

As condições adversas de trabalho, aliadas à distância da família e ao regime de escala que impõe longos períodos embarcados, favorecem o surgimento de sintomas psíquicos relacionados ao estresse crônico, como ansiedade, exaustão tanto física quanto mental e, em casos mais graves, a Síndrome de Burnout (Silva Júnior & Ferreira, 2007; Almeida, 2017). Além do mais, as atividades em uma unidade de exploração são caracterizadas por seus processos contínuos e ininterruptos, 24h por dia, todos os dias do ano, revezamento de turno a cada 12h trabalhadas e trocas de turma com escalas fixas e regulares, de acordo com a função e empresa do funcionário (Barbosa & Alvarez, 2016; Leite, 2009). Embora a literatura reconheça o ambiente offshore como altamente estressor, ainda são escassos os estudos que investigam como os trabalhadores lidam com tais pressões. Sabe-se que a adoção de estratégias de enfrentamento, denominadas Coping, pode influenciar significativamente a saúde mental e o desempenho ocupacional (Folkman, 1984; Murta & Tróccoli, 2007).

Apesar da crescente atenção à saúde ocupacional, há uma lacuna importante quanto à compreensão dos mecanismos de Coping utilizados por trabalhadores embarcados no contexto brasileiro. A literatura, em grande parte, concentra-se em aspectos técnicos ou em mensurações instrumentais de Coping, sem considerar suficientemente os fatores subjetivos e situacionais que influenciam sua eficácia (Antoniazzi, 2019). Diante desse cenário, é necessário compreender quais estratégias são adotadas pelos trabalhadores offshore para lidar com o estresse e mitigar os efeitos da Síndrome de Burnout. A presente pesquisa, portanto, propõe responder à questão quais são as estratégias de Coping utilizadas por trabalhadores embarcados em plataformas offshore no enfrentamento da Síndrome de Burnout?

O objetivo geral deste estudo foi identificar as estratégias de Coping utilizadas por trabalhadores embarcados em plataformas offshore no enfrentamento da Síndrome de Burnout. A escolha do tema justifica-se pela relevância social e científica do problema. Dados da International Stress Management Association (Isma-BR) apontam que 72% dos brasileiros sofrem consequências do estresse, sendo que 32% já apresentam sintomas compatíveis com a Síndrome de Burnout. Desse grupo, 92% permanecem ativos no mercado de trabalho (ANAMAT, 2023).

Ao focar especificamente no universo offshore, caracterizado por isolamento geográfico, turnos intensivos e riscos operacionais, este estudo pretende preencher uma lacuna na literatura e oferecer subsídios teóricos e práticos que possam contribuir para a formulação de políticas organizacionais voltadas à saúde mental. Além disso, busca-se ampliar o entendimento sobre as estratégias de enfrentamento utilizadas nesse contexto peculiar, contribuindo para o

desenvolvimento de práticas gerenciais que favoreçam a resiliência, o bem-estar e a retenção de talentos na indústria petrolífera.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Estratégias de enfrentamento ao estresse – Coping

O termo Coping não possui uma tradução precisa na língua portuguesa que abarque toda a complexidade de seu significado original em inglês. Em geral, é compreendido como o conjunto de estratégias cognitivas e comportamentais utilizadas por indivíduos para lidar, enfrentar ou adaptar-se a situações adversas que ameaçam seu bem-estar (Antoniuzzi, 2019; Folkman & Lazarus, 1980; Lazarus & Folkman, 1984a).

Inicialmente, os estudos sobre Coping foram incorporados à psicologia no contexto de estressores agudos, como agressões sexuais, e os mecanismos de enfrentamento passaram a ser organizados em uma hierarquia que variava da saúde à psicopatologia (Antoniuzzi, 2019). Três gerações de estudos marcaram a evolução do conceito. A primeira tratava o Coping como um constructo relativamente estável, fortemente influenciado por elementos inconscientes e experiências passadas. A segunda, surgida na década de 1960, destacou os determinantes cognitivos e situacionais, concebendo o Coping como um processo transacional entre pessoa e ambiente. Já a terceira geração enfatizou os traços de personalidade como otimismo, autoestima, rigidez e locus de controle, baseando-se em modelos como os Cinco Grandes Fatores (Antoniuzzi, 2019).

Na perspectiva cognitiva de Folkman e Lazarus (1980), o Coping é composto por dois tipos principais de estratégias: o enfrentamento focado no problema, que busca modificar a situação estressora, e o enfrentamento focado na emoção, que visa regular o desconforto emocional gerado pela situação. Posteriormente, uma terceira categoria foi proposta por Bueno (2008): o enfrentamento centrado em valores, que incorpora a importância dos princípios e significados pessoais como guias para o enfrentamento de adversidades. Tais estratégias são concebidas como ações aprendidas, conscientes e intencionais, voltadas à administração de demandas percebidas como sobrecarregantes (Folkman & Lazarus, 1980).

A teoria de Coping propõe quatro elementos fundamentais: (1) a interação entre indivíduo e ambiente; (2) a gestão ativa da situação estressora; (3) a avaliação cognitiva, que envolve julgamentos subjetivos sobre o evento; e (4) a mobilização de esforços cognitivos e comportamentais para administrar as exigências percebidas. Essa avaliação se desdobra em dois momentos: avaliação primária, quando o indivíduo determina a relevância do evento para seus valores e metas; e avaliação secundária, na qual se analisam os recursos disponíveis para lidar com a situação (Folkman et al., 1986). Enfrentamentos mais eficazes estão geralmente associados a avaliações que interpretam a situação como desafiadora, ao invés de ameaçadora (Ursin, 1980).

Rudolph, Denning e Weisz (1995) acrescentam à discussão o entendimento do Coping como mediador entre os estressores e os desfechos emocionais, propondo uma análise funcional que distingue as tentativas de enfrentamento dos resultados obtidos. Importa destacar que estratégias inconscientes, como negação, regressão e deslocamento, bem como manifestações de somatização ou dominação, não são consideradas Coping, pois não envolvem processos conscientes e voluntários de enfrentamento (Folkman & Lazarus, 1980; 1985).

Além disso, estudos como os de McCrae (1984), Menaghan (1982), Pearlin & Schooler (1978) e Stone & Neale (1984) destacam a importância de considerar as variáveis contextuais nos processos de enfrentamento. A análise de Folkman (1986) demonstrou que os indivíduos utilizam diferentes estratégias dependendo da natureza da ameaça percebida. Por exemplo, ameaças à autoestima evocam comportamentos como autocontrole, evitação ou aceitação de responsabilidade, enquanto objetivos profissionais estão mais relacionados à resolução planejada de problemas. Os resultados desses estudos também indicam que o uso de estratégias de enfrentamento é mais variável do que estável ao longo do tempo, o que evidencia a adaptação das respostas ao contexto específico (Menaghan, 1982; Aldwin et al., 1980; Stone & Neale, 1984).

Confronto e distanciamento, por exemplo, foram associados a desfechos menos satisfatórios, enquanto a resolução planejada e a reavaliação positiva demonstraram maior eficácia (Lazarus & Folkman, 1984a).

Com base em quatro abordagens teóricas predominantes (1) centrada na personalidade (Weaton, 1983; Kobasa, 1979), (2) orientada por eventos específicos (Billings & Moos, 1984), (3) focada nas características do ambiente estressor (Shanan, De-Nour & Garty, 1976), e (4) integradora de personalidade e bem-estar psicológico (Pearlin & Schooler, 1978) entende-se o *Coping* como um fenômeno relacional e dinâmico. A robustez, a flexibilidade e a percepção de controle pessoal são identificadas como variáveis importantes nesse processo.

Por fim, a concepção de estresse psicológico e enfrentamento desenvolvida por Lazarus e Folkman (1984b) consolida essa visão integradora, demonstrando que o estresse ocorre quando a pessoa percebe um desequilíbrio entre demandas e recursos disponíveis, resultando em sobrecarga. Essa concepção evidencia que os processos de avaliação cognitiva e de enfrentamento são centrais para a regulação dos efeitos do estresse tanto a curto quanto a longo prazo, com implicações diretas sobre a saúde física e mental.

No contexto da presente pesquisa, que investiga trabalhadores embarcados em plataformas offshore da Petrobras, foram analisadas as interações entre avaliação primária, avaliação secundária e oito tipos de estratégias de *Coping* (Folkman, 1986). O objetivo foi compreender como esses processos afetam o bem-estar psicológico em um ambiente adverso, oferecendo subsídios para intervenções mais eficazes em contextos de confinamento e alta exigência laboral.

2.2 Síndrome de Burnout

A Síndrome de Burnout é compreendida como um fenômeno psicológico de origem ocupacional, caracterizado pelo esgotamento emocional, despersonalização e sensação de baixa realização profissional (Maslach & Leiter, 2005). Surgido no campo da psiquiatria, o conceito foi inicialmente relacionado ao desgaste do humor e da motivação, sendo definido como o resultado de uma exigência crônica e excessiva de energia no trabalho, com manifestações tanto biológicas quanto psicossociais (Aguiar et al., 2017).

O Burnout se desenvolve a partir de uma exposição prolongada a situações de estresse no contexto laboral, especialmente quando o indivíduo apresenta dificuldades para lidar com tais exigências. Nessa perspectiva, *Coping* surge como uma variável relevante para compreensão do processo saúde-doença relacionado ao trabalho, pois os estilos de enfrentamento adotados pelos trabalhadores determinam a forma como lidam com os estressores ocupacionais (Sousa et al., 2009). Enquanto o estresse pode ser uma resposta emocional e fisiológica pontual a um desafio, o Burnout é uma síndrome resultante da exposição prolongada ao estresse ocupacional crônico (Canova & Porto, 2010).

Diversos fatores organizacionais contribuem para o desenvolvimento do Burnout, como sobrecarga de trabalho, falta de controle, ausência de reconhecimento, iniquidade nas relações, falhas na comunicação interpessoal e desalinhamento entre os valores do trabalhador e da organização (Maslach & Leiter, 2005; Singh, 2000; Riolli, 2006; Choi, 2019). Tais condições, ao longo do tempo, geram esgotamento, sensação de impotência e perda de sentido no trabalho.

Nesse contexto, algumas estratégias individuais e organizacionais têm sido propostas para prevenir ou mitigar os efeitos do Burnout. Leiter e Maslach (2005) identificaram seis frentes de atuação: (1) reconhecimento dos sinais de esgotamento por meio da autoconsciência; (2) estabelecimento de limites entre vida pessoal e profissional; (3) atribuição de significado ao trabalho; (4) desenvolvimento de recursos pessoais como resiliência e práticas de autocuidado; (5) fortalecimento de redes de apoio social; e (6) promoção de ambientes de trabalho mais equilibrados e saudáveis.

Tais estratégias se assemelham às abordagens de *Coping*, uma vez que envolvem ações cognitivas e comportamentais voltadas ao enfrentamento dos estressores. A literatura reforça que a efetividade dessas ações depende da capacidade do indivíduo de reconhecer as fontes de estresse

e mobilizar recursos internos e externos para lidar com elas (Sousa et al., 2009; Maslach & Leiter, 2005).

Em síntese, o Burnout é um fenômeno multidimensional que resulta da interação entre demandas ocupacionais elevadas e estratégias de enfrentamento ineficazes. Considerando os crescentes desafios do mundo do trabalho, torna-se fundamental aprofundar a compreensão sobre os fatores que levam ao esgotamento e investir em intervenções preventivas que fortaleçam a saúde mental dos trabalhadores.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi realizada nas unidades marítimas conhecidas simplesmente por 'plataformas'. O formulário da pesquisa foi distribuído para os trabalhadores de 18 plataformas marítimas com aproximadamente 2.200 funcionários próprios entre trabalhadores *offshore* correspondendo a 62% e os que trabalham em nas bases terrestres 38% (*onshore*). Deste montante, um total de 287 pessoas responderam aos questionários propostos pela pesquisa.

Quanto aos procedimentos técnicos, optou-se pelo levantamento do tipo *survey* para coletar os dados. Para analisar os construtos de Coping foi utilizado o questionário adaptado no Brasil oriundo do artigo de Savóia & Santana de 1996, adaptação do 'Inventário de Estratégias de Coping' de Folkman e Lazarus, porém há uma versão reduzida por Luca (2020). Para analisar os construtos de Burnout foi utilizado o questionário adaptado para o Brasil realizado por Carlotto e Câmara (2004), Inventário de Burnout de Maslach. Ambos os instrumentos utilizaram uma escala do tipo Likert de 5 pontos para mensurar as respostas dos participantes. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da instituição na qual os autores são vinculados.

A análise dos dados coletados seguiu uma abordagem empírica rigorosa, reconhecendo que a complexidade da realidade dos fatos exige uma metodologia analítica robusta (Gerhardt & Silveira, 2009). O processo de análise foi conduzido em etapas, combinando técnicas de estatística descritiva e análise multivariada avançada.

Inicialmente, realizou-se uma análise descritiva simples dos dados, incluindo medidas de tendência central e dispersão para caracterizar a amostra e fornecer uma visão geral das variáveis em estudo. Essa etapa permitiu uma compreensão inicial das características demográficas e profissionais dos participantes, bem como uma visão geral dos níveis de *Burnout* e das estratégias de Coping utilizadas.

Em seguida, foi conduzida uma análise multivariada mais sofisticada, utilizando-se de técnicas de Modelagem de Equações Estruturais (MEE). O processo de análise incluiu a Análise Fatorial Confirmatória (AFC) para validar os construtos do Inventário de Síndrome de *Burnout* e do Inventário de Coping. Tal etapa permitiu avaliar a validade e confiabilidade das escalas utilizadas no contexto específico deste estudo.

Após a validação dos construtos, desenvolveu-se um modelo estrutural para examinar as relações entre as dimensões da Síndrome de *Burnout* (Exaustão Emocional, Despersonalização e Realização Pessoal) e as estratégias de Coping. O modelo foi avaliado utilizando-se de diversos índices de ajuste, incluindo o coeficiente de determinação de Pearson (R^2), teste t de *Student* para validade nomológica, e análise do tamanho dos efeitos (f^2).

A interpretação dos coeficientes de caminho (Γ) foi realizada para compreender a força e a direção das relações entre os construtos. A utilização do *software SmartPLS 4.1* permitiu a execução dessas análises avançadas, fornecendo *insights* sobre as relações entre Burnout e Coping no contexto específico dos trabalhadores de plataformas *offshore*. A abordagem analítica visou não apenas descrever os fenômenos observados, mas também identificar relações e padrões, contribuindo para uma compreensão do problema de pesquisa (Hair et al., 2014; Ringle et al., 2014).

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A presente pesquisa foi realizada em um ambiente confinado caracterizado por condições de trabalho desafiadoras e confinamento, localizadas em alto-mar. O cenário é predominantemente masculino, refletindo a cultura da profissão que envolve engenharia e trabalho com ferramentas pesadas, em sua maioria. A amostra consistiu em 287 funcionários fixos em regimes de embarque *offshore*.

A distribuição do tempo de trabalho dos participantes na companhia revelou que a maioria possui um longo período de serviço na empresa. Apenas 1% dos respondentes estão na companhia há até 5 anos, enquanto 5% estão entre 6 a 10 anos. A maior parte dos funcionários, 71%, possui entre 11 a 20 anos de serviço. Aqueles com 20 a 30 anos de trabalho na companhia representam 19%, sendo que 4% dos participantes têm mais de 30 anos de serviço.

Confirmando a predominância masculina no setor, 93% dos respondentes se identificaram como do gênero masculino, enquanto 7% se identificaram como do gênero feminino. Não houve respondentes que se identificaram com outro gênero. A faixa etária dos participantes também foi diversificada, com uma concentração maior em idades intermediárias. Não houve respondentes com até 25 anos. Apenas 1% dos participantes está na faixa de 26 a 30 anos. A faixa etária de 31 a 40 anos compreende 33% dos respondentes, enquanto a maior concentração está na faixa de 41 a 50 anos, com 48%. Por fim, 18% dos participantes têm 51 anos ou mais.

No que concerne ao cargo exercido, 10% dos respondentes ocupam cargos de gestão com nível superior, enquanto 19% possuem nível superior sem cargo de gestão. Entre os que possuem nível médio, 12% ocupam cargos de gestão e 58% não possuem cargo de gestão. A experiência de trabalho embarcado também foi variada. Apenas 2% dos respondentes nunca embarcaram, trabalhando exclusivamente em terra (*onshore*). Embarques eventuais foram relatados por 15% dos participantes. Aqueles com menos de 1 ano de experiência embarcada representam 4%, enquanto 17% possuem entre 1 a 5 anos de experiência. A faixa de 5 a 10 anos de trabalho embarcado compreende 19% dos respondentes, e 33% possuem entre 10 a 20 anos de experiência. Por fim, 10% dos participantes possuem mais de 20 anos de trabalho embarcado.

O nível de formação educacional dos participantes é elevado, refletindo a exigência de concurso público para admissão na empresa. Não houve respondentes com apenas ensino fundamental. Aqueles com ensino médio/técnico representam 21%, enquanto 41% possuem ensino superior/tecnológico. Pós-graduação/MBA foi relatada por 26% dos participantes, e 12% possuem mestrado ou doutorado. A maioria dos participantes é casada ou está em união estável, representando 83% dos respondentes. Solteiros compreendem 9%, divorciados 7%, e viúvos 1%. A maioria dos participantes possui filhos, com 78% respondendo afirmativamente, enquanto 22% não possuem filhos.

4.1 Análise Fatorial Confirmatória

No processo de desenvolvimento do modelo estrutural que busca relacionar a Síndrome de *Burnout* (Maslach & Jackson, 1981) e *estratégias de Coping*, (Folkman & Lazarus, 1985), para fins deste estudo utilizou-se o modelo de Luca *et al.* (2020), cuja versão adaptada foi construída por Carlotto e Câmara (2004). Inicialmente, os construtos de ambas as escalas, sendo três de Síndrome de *Burnout* e quatro de *Coping* foram submetidos à Análise Fatorial Confirmatória (AFC), conforme pressupostos teóricos (Hair *et al.*, 2014). Cabe ressaltar que a utilização de AFC para estudos quantitativos, cujas escalas já foram validadas, são importantes dada a diferença de contexto social de aplicação do estudo, bem como o tempo e o espaço nos quais os dados foram coletados. Ou seja, trata-se de um processo que maximiza a confiabilidade dos resultados da pesquisa (Field, 2009; Hair Jr *et al.*, 2014). Assim, os critérios adotados para a condução da AFC foram: comunalidades, Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), teste de esfericidade de Bartlett, significância estatística, variância extraída e Alfa de Cronbach.

Nesse sentido, a Tabela 1 apresenta os índices de validade e confiabilidade dos construtos deste estudo.

Tabela 1*Escalas, dimensões e parâmetros (AFC)*

Inventário de Síndrome de <i>Burnout</i>					
Construto	Indicador	Comunalidade	KMO	Variância (%)	Alfa de Cronbach
Exaustão Emocional	B1	0,762	0,840	76,018	0,894
	B2	0,722			
	B3	0,733			
	B8	0,824			
Despersonalização	B10	0,816	0,500	81,579	0,774
	B11	0,816			
Realização Pessoal	B12	0,596	0,668	65,290	0,731
	B18	0,643			
	B19	0,719			
Inventário de <i>Coping</i>					
Reavaliação Positiva	C42	0,783	0,725	76,268	0,844
	C43	0,731			
	C44	0,774			
Afastamento e Aceitação	C8	0,722	0,666	65,258	0,733
	C10	0,639			
	C21	0,597			
Suporte Social	C7	0,780	0,594	79,124	0,704
	C25	0,705			
	C33	0,830			
	C35	0,850			
Confronto e Resolução de Problemas	C16	0,774	0,726	71,669	0,752
	C17	0,743			
	C36	0,686			
	C37	0,766			
	C38	0,615			

Fonte: Dados da pesquisa.

No processo de análise fatorial dos construtos inicialmente propostos pelo Inventário de Síndrome de *Burnout* vale destacar que do total de 22 variáveis iniciais, apenas 9 variáveis atenderam aos critérios estatísticos necessários para se manterem na investigação. Já para as 43 variáveis que completavam o Inventário de *Coping*, 15 variáveis atenderam aos critérios adotados de comunalidades que fixaram valores superiores a 0,5 (Hair et al., 2005). Tais variáveis estão dispostas na Tabela 1, com as suas respectivas comunalidades.

Considerando os dados das escalas de Síndrome de *Burnout* e Inventário de *Coping* utilizadas para a construção do presente estudo, conforme apresentado na tabela 2, os referidos construtos apresentaram valores aceitáveis para KMO, indicando uma boa medida de adequabilidade da amostra. Segundo Field, (2009) para KMO, os valores que figuram acima de 0,70 são considerados ‘regulares’, acima de 0,80 são ‘muito bons’, sendo o limite inferior para aceitação do modelo deve ficar acima de 0,50. Nesse sentido, os construtos de ‘Despersonalização’, ‘Realização Pessoal’, ‘Afastamento e Aceitação’ e ‘Suporte Social’ apresentaram valores inferiores à 0,7, porém superiores ao limite mínimo para mantê-los no modelo deste estudo.

Todos os construtos apresentaram valores de variância total extraída superior a 0,6, atendendo aos pressupostos estatísticos expostos por Hair Jr. et al., (2005). Ou seja, os construtos apresentaram uma medida de consistência complementar interna. Dado que tal índice

objetiva medir a quantidade geral de variância dos indicadores que pode ser explicada pela variável latente.

Por fim, todos os construtos apresentaram elevado índice de confiabilidade a partir da mensuração do Alfa de Cronbach. Trata-se de uma medida de confiabilidade que busca analisar a consistência das variáveis que compõem a amostra analisada. A confiabilidade do coeficiente Alfa de Cronbach pode variar entre 0 e 1. O valor mínimo aceitável para o Alfa é 0,70 (Hair Jr *et al.*, 2005; Field, 2009). Conforme dados da tabela 1, todos os construtos apresentaram valores superiores a 0,7, atendendo aos pressupostos estatísticos vigentes.

Finalizada a análise dos construtos via análise fatorial confirmatória, os mesmos foram submetidos à modelagem de equações estruturais que para este estudo foi operacionalizada por meio do *software SmartPLS 4.1*.

4.2 Modelagem de Equações Estruturais

A Modelagem de Equações Estruturais é uma técnica multivariada de dados que objetiva explicar as múltiplas relações que ocorrem de maneira simultânea entre diversas variáveis, considerando para tal uma especificação da direção causal. Ela busca combinar o modelo de mensuração, baseado na Análise Fatorial Confirmatória - AFC e o modelo estrutural que envolve testes estatísticos concomitantes. Em termos agregados, desenvolve-se a análise do modelo de mensuração para, na sequência, construir o modelo estrutural validado, o *outer model* (Hair *et al.*, 2005; 2014).

O modelo de mensuração construído neste estudo é formado pelas variáveis latentes ou construtos e as suas respectivas variáveis observadas. Após a análise destas variáveis iniciou-se a avaliação do modelo estrutural, o *inner model*, modelo este que é conduzido a partir das relações estabelecidas entre os construtos e as hipóteses de pesquisa (Hair *et al.*, 2014). Na sequência, foram descritos e analisados os testes de mensuração, tanto do modelo relacional proposto quanto do modelo relacional final, conforme estabelece a literatura (Ringle; Silva & Bido, 2014).

Para construção do modelo, na primeira etapa analisou-se a validade convergente dos construtos que foi aferida por meio das observações realizadas das Variáveis Médias Extraídas - *Average Variance Extracted* (AVE). Foram adotados os critérios de Fornell e Larcker (1981), utilizou-se como valores de referência $AVE > 0,50$, sendo que, quando são identificados valores superiores a 0,50, há indícios de que o referido construto explica mais da metade dos indicadores de variância, alcançando um grau aceitável de validade convergente do modelo (Ringle; Silva & Bido, 2014; Polit, 2015).

Em um segundo momento, ainda para aferir a validade convergente considerada, empregou-se como parâmetro os índices de Confiabilidade Composta (CC) e o Alfa de Cronbach (AC), utilizados para que haja uma avaliação da amostra, para analisar se a mesma encontra-se livre de vieses e se as respostas no seu conjunto de dados são realmente confiáveis (Ringle; Silva & Bido, 2014). Para tais testes, utilizaram-se como valores referências de CC e AC, os resultados acima de 0,70, em que os mesmos são considerados adequados e satisfatórios quando atingem ou superam tal referência. Em casos de estudos exploratórios como o aqui apresentado, o ideal é que se tenham valores de CC e AC iguais ou acima de 0,70 (Hair *et al.*, 2014). Na Tabela 2 é possível verificar os resultados obtidos neste estudo, no que se refere aos indicadores AVE, CC e AC do modelo ora proposto.

Ao se analisar os valores de Alfa de Cronbach, Confiabilidade Composta e AVE é possível verificar que seis construtos apresentaram valores que atestam a confiabilidade composta do modelo, sendo eles: Exaustão Emocional (EE); Confronto e Resolução de Problemas (CRP); Despersonalização (DP); Realização Pessoal (RP); Reavaliação Positiva (ReP) e Suporte Social (SS). Importante destacar que o único construto no qual a validade convergente não foi atestada foi Afastamento e Aceitação (AA) cujos valores de Alfa (0,570) e Confiabilidade Composta (0,640) não atingiram os respectivos limites mínimos adequados, assim o construto foi excluído no processo de construção do modelo estrutural. Posteriormente à exclusão de tal construto, os

demais alcançaram índices satisfatórios para a mensuração da qualidade de ajustes, admitindo-se, assim, que os resultados atestam a validade convergente do modelo proposto (Ringle, Silva & Bido, 2014; Hair *et al.*, 2014).

Tabela 2.
Validade convergente

Construto	Alfa de Cronbach	Confiabilidade composta (rho_c)	Variância extraída (AVE)
Exaustão Emocional	0.894	0.926	0.759
Confronto e Resolução de Problemas	0.783	0.846	0.527
Despersonalização	0.774	0.898	0.816
Realização Pessoal	0.734	0.849	0.653
Reavaliação Positiva	0.845	0.906	0.762
Suporte Social	0.731	0.825	0.543

Fonte: Dados da pesquisa.

Atestada a validade convergente, deu-se início à análise da Validade Discriminante (VD) do modelo, sendo este indicador utilizado na busca da avaliação de independência entre os construtos. Neste estudo, a VD foi obtida por meio da raiz quadrada do valor encontrado na AVE. Desse modo, a VD busca demonstrar se os construtos são de fato distintos entre si (Hair *et al.*, 2014). Para a condução da VD, foram observados dois critérios: o de cargas cruzadas (*cross loading*) (Chin, 1998), e o das raízes quadradas das AVEs (Fornell & Larcker, 1981).

A análise das cargas cruzadas verifica os indicadores com cargas fatoriais mais altas nos seus respectivos construtos, em relação aos demais construtos (Chin, 1998). Partindo dessa premissa, as cargas cruzadas devem fixar valores maiores do que todas as outras cargas dos construtos (Hair *et al.*, 2014), fato que foi atestado neste estudo. Portanto, o mesmo atingiu a validade discriminante considerando o critério de cargas cruzadas. Tais dados são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3.
Cargas Cruzadas

Indicador	EE	CRP	DP	RP	ReP	SS
B1	0.876	-0.146	0.423	-0.432	0.347	-0.020
B2	0.834	-0.023	0.396	-0.387	0.323	0.082
B3	0.858	-0.152	0.477	-0.478	0.343	-0.041
B8	0.915	-0.120	0.439	-0.456	0.411	-0.023
B10	0.384	-0.208	0.902	-0.400	0.241	-0.134
B11	0.515	-0.181	0.904	-0.426	0.263	-0.139
B12	-0.530	0.373	-0.365	0.767	-0.288	0.105
B18	-0.332	0.448	-0.401	0.818	-0.111	0.280
B19	-0.374	0.410	-0.342	0.837	-0.180	0.187
C7	-0.029	0.399	-0.146	0.176	0.072	0.737
C16	0.012	0.619	-0.094	0.275	0.147	0.329
C17	-0.210	0.807	-0.268	0.507	-0.071	0.324
C25	-0.007	0.493	-0.128	0.228	0.117	0.821
C33	0.016	0.320	-0.029	0.132	0.219	0.679

C35	0.017	0.313	-0.110	0.148	0.181	0.702
C36	0.008	0.653	-0.048	0.195	0.024	0.451
C37	-0.082	0.789	-0.150	0.386	0.008	0.493
C38	-0.068	0.741	-0.107	0.341	0.079	0.430
C42	0.388	0.038	0.243	-0.194	0.890	0.179
C43	0.359	-0.031	0.267	-0.245	0.867	0.121
C44	0.325	0.065	0.217	-0.169	0.862	0.177

Fonte: Dados da pesquisa.

A Validade Discriminante (VD) ainda foi analisada por meio da utilização do critério de Fornell e Larcker (1981), cujo objetivo é comparar as raízes quadradas dos valores da AVE de cada construto com as correlações de Pearson entre os construtos. Assim, o valor de raiz quadrada da AVE de cada construto deve ser maior do que as correlações entre cada construto (Hair *et al.*, 2005; 2014). A tabela 4 apresenta que o modelo proposto apresenta VD também considerando os critérios estatísticos de Fornell e Larcker (1981). Os valores das raízes quadradas das AVEs foram destacados na cor azul na referida tabela.

Tabela 4.

Correlações entre as variáveis latentes e as raízes quadradas dos valores das AVEs

	EE	CRP	DP	RP	ReP	SS
EE	0.871					
CRP	-0.131	0.726				
DP	0.498	-0.216	0.903			
RP	-0.505	0.509	-0.458	0.808		
ReP	0.411	0.025	0.279	-0.234	0.873	
SS	-0.006	0.532	-0.151	0.240	0.181	0.737

Fonte: Dados da pesquisa.

Após a confirmação da validade discriminante do modelo, seguindo os critérios de Chin (1998), Fornell e Larcker (1981), encerraram-se os ajustes do modelo de mensuração e deu-se início à análise do modelo estrutural (Ringle; Silva & Bido, 2014). Nessa etapa, lançou-se mão de procedimentos baseados na mensuração do nível do coeficiente de determinação de Pearson (R^2), com o propósito de avaliar a significância e a relevância das relações do modelo estrutural (validade nomológica) e a mensuração do tamanho dos efeitos (f^2) (Hair *et al.*, 2014).

Os coeficientes de Pearson (R^2), segundo Figueiredo Filho e Silva Júnior (2009), são utilizados para atestar a porção da variância das variáveis endógenas, que é explicada pelo modelo estrutural, aferindo, por conseguinte, a qualidade do modelo ajustado. De acordo com Cohen (1988), se $R^2 \geq 2\%$, tem-se um efeito pequeno; se $R^2 \geq 13\%$, tem-se um efeito médio; e se $R^2 \geq 26\%$, tem-se um efeito grande. A Tabela 5 apresenta os resultados dos testes de Pearson (R^2).

Diante do exposto, entre os construtos analisados, foram classificados como efeito grande o construto 'Realização Pessoal' (32,1%), os construtos 'Exaustão Emocional' (18,9%) e 'Despersonalização' (13,8%) apresentaram efeito médio. Cabe aqui salientar que os demais construtos deste estudo que se referem ao *Coping* não foram apresentados na referida tabela, uma vez que possuem R^2 igual a zero, pelo fato de serem construtos exógenos.

Tabela 5.

Coefficientes de Pearson (R^2)

Construto	R^2
Exaustão Emocional	0.189

Despersonalização	0.138
Realização Pessoal	0.321

Fonte: Dados da pesquisa.

Após a análise do R^2 , deu-se início a validade nomológica que neste estudo foi aferida por meio do teste t de *Student*, que tem relação com o grau em que um construto se comporta dentro de um sistema de construtos relacionados, ou seja, ele investiga se todas as correlações são significativas, utilizando o método *bootstrapping* no *SmartPLS*, buscando verificar se o teste t de *Student* é superior a 1,96 (Hair *et al.*, 2014).

Desse modo, averiguou-se a significância das correlações e das regressões lineares quanto ao seu nível de significância ($p \leq 0,05$). No caso de correlação, estipula-se a hipótese nula (H_0) como $r = 0$ e, para as situações de regressão, determina-se como $H_0: \Gamma = 0$ (coeficiente de caminho = 0). Assim, uma vez que $p > 0,05$, acatam-se as H_0 , ou seja, a necessidade de reavaliar a inserção de variáveis latentes (VL) ou variáveis observadas (VO) no modelo estrutural proposto. O *software SmartPLS* “calcula o Testes t de *Student* entre os valores originais dos dados e aqueles obtidos pela técnica de reamostragem, para cada relação de correlação entre VO e VL e para cada relação entre diferentes VLs” (Ringle; Silva & Bido, 2014). No processo de interpretação, utilizaram-se “para os graus de liberdade elevados, valores acima de 1,96 que correspondem a p-valores $\leq 0,05$ (entre -1,96 e +1,96 corresponde à probabilidade de 95% e fora desse intervalo 5%, em uma distribuição normal)” (Ringle; Silva & Bido, 2014). Desse modo, quando o valor do Teste t de *Student* é superior aos valores críticos ($>1,96$), admite-se que o coeficiente apresenta significância estatística.

A Tabela 6 demonstra que todos os valores apresentados no modelo estrutural final deste estudo fixaram-se acima do valor de referência de 1,96. Desse modo, foi atestado que, em todas as ocorrências, rejeitam-se as H_0 e aceita-se que as correlações e os coeficientes de regressão são estatisticamente significantes. É válido destacar que quatro regressões não apresentaram valores aceitáveis de Teste t, a saber: CRP -> AA (1,78); SS -> EE (0,91); SS -> DP (0,07) e SS -> RP (0,24). Assim, tais relações foram excluídas do modelo por aceitar H_0 , não apresentando coeficientes de regressão estatisticamente significantes.

Tabela 6.
Teste t de Student e F²

	Teste T	P Valor	F ²
CRP -> EE	2.201	0.028	0.094
CRP -> DP	2.222	0.026	0.072
CRP -> RP	9.580	0.000	0.673
ReP -> EE	7.323	0.000	0.379
ReP -> DP	4.891	0.000	0.228
ReP -> RP	4.320	0.000	0.214
SS -> DP	1.977	0.048	0.064

Fonte: Dados da pesquisa.

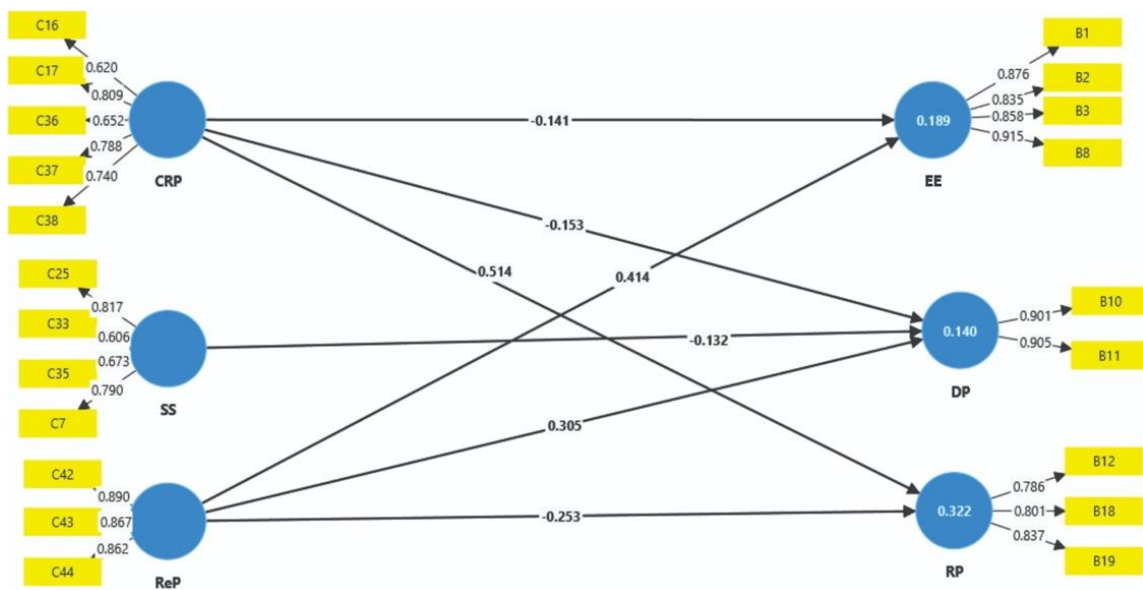
O f^2 apresentado na Tabela 6 analisa o quanto cada construto é importante para o ajuste do modelo estrutural, tomando como indicador de f^2 , os valores 0,02, 0,15 e 0,35, que são considerados, respectivamente, como pequenos, médios e grandes no que se refere à utilidade de cada construto para o ajuste do modelo. O cálculo para análise do f^2 é feito pela razão entre a parte explicada pelo modelo e a parte não explicada $f^2 = R^2 / (1 - R^2)$ (Ringle, Silva & Bido, 2014; Hair Jr. *et al.*, 2017). Desse modo, as relações entre CRP e AE; CRP e DP; SS e DP são considerados de importância pequena para o modelo. Já as relações entre ReP e DP; ReP e RP apresentam

importância média para o modelo e as relações CRP e RP; ReP e AE apresentam importância grande para o modelo estrutural ora proposto. De maneira geral, considerando os resultados expostos, os construtos aqui modelados apresentam uma considerável utilidade prática para se compreender o fenômeno em tela (Ringle, Silva & Bido, 2014; Hair Jr. et al., 2017).

Findada a validação da qualidade de ajuste do modelo estrutural, seguiu-se para a interpretação dos coeficientes de caminho (Γ). A interpretação deste se dá assim como os betas (β) das regressões lineares simples (Ringle, Silva & Bido, 2014). A Figura 1 apresenta as relações que mantiveram índices estatísticos significantes e validade nomológica do modelo estrutural acerca das estratégias de *Coping* e Síndrome de *Burnout*, considerando o contexto de trabalho em questão.

Figura 1.

Modelo ajustado (final) com os valores dos coeficientes de caminhos (Γ)



A Figura 1 apresenta o modelo estrutural final deste estudo. Além de se visualizar as correlações entre os construtos, nela é possível verificar que os valores das relações causais entre construtos que compõem o modelo, podem ser positivos ou negativos. Quando positivos, as relações são diretamente proporcionais, ou seja, à medida que um construto aumenta, o outro também aumentará; quando negativos, as relações são inversamente proporcionais, ou seja, o aumento de um ocasiona a diminuição do outro.

5. DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

O objetivo deste artigo foi identificar as estratégias de *Coping* utilizadas por trabalhadores embarcados em plataformas offshore no enfrentamento da Síndrome de *Burnout*. Foi possível observar que o *Burnout* é uma realidade presente e que pode se tornar preocupante nesse ambiente de trabalho, afetando significativamente a saúde e o bem-estar dos trabalhadores (Maslach & Leiter, 2016). A relação significativa entre as estratégias de ‘Confronto e Resolução de Problemas’ (CRP) e a ‘Realização Pessoal’ (RP) encontrada neste estudo adiciona uma camada importante à compreensão do *Coping* no contexto do *Burnout*. Conforme Lazarus e Folkman, (1984) e Hobfoll, (1989) o *Coping* é essencial para a mitigação dos efeitos negativos do estresse. Os resultados indicam que as estratégias de CRP têm um impacto positivo na realização pessoal dos trabalhadores, sugerindo que tais estratégias são eficazes para promover a resiliência e a saúde mental.

Muitos destes trabalhadores enfrentando o *Burnout* escolhem permanecer no emprego devido à incerteza econômica e à esperança de melhorias nas condições de trabalho ao longo do tempo (Schaufeli, 2004). Frequentemente, sentem-se presos aos seus empregos devido à falta de alternativas viáveis ou até melhores e permanecem por dez, vinte, trinta anos ou mais neste ciclo. Para atingir esta longevidade em um mesmo emprego, ainda mais com estas características, aplicar estratégias de enfrentamento adequadas se faz necessário. Essas estratégias não apenas auxiliam na redução do estresse causador do *Burnout*, mas também contribuem para a manutenção da saúde mental e física, permitindo-lhes enfrentar os desafios de maneira mais eficaz e adaptativa ao longo da vida laboral (Hobfoll, 1989).

A correlação entre ‘Confronto e Resolução de Problemas’ (CRP) e ‘Exaustão Emocional’ (EE) ($t = 2.201$, $p = 0.028$, (F^2) = 0.094) sugere que o uso de estratégias de CRP está associado a uma redução na exaustão emocional, embora o tamanho do efeito seja pequeno. Este achado é consistente com a literatura de Lazarus e Folkman, (1984), que destaca a importância das estratégias de *Coping* ativo na gestão do estresse. A redução da exaustão emocional através do CRP indica que os trabalhadores que enfrentam diretamente os problemas e buscam soluções práticas são menos propensos a experimentar os níveis elevados de exaustão emocional característicos do *Burnout*.

A relação significativa entre ‘Reavaliação Positiva’ (ReP) e ‘Exaustão Emocional’ (EE) ($t = 7.323$, $p = 0.000$, (F^2) = 0.379) indica que a reavaliação positiva está associada a um aumento na exaustão emocional, com um tamanho de efeito grande. Este achado é contrário à teoria de Hobfoll (1989) sobre a conservação de recursos, que sugere que a reavaliação positiva deveria ajudar os indivíduos a reinterpretar situações estressantes de maneira mais gerenciável. No entanto, a forte correlação encontrada sugere que, neste contexto específico, a reavaliação positiva pode estar levando os trabalhadores a subestimar a gravidade dos estressores, resultando em um aumento da exaustão emocional.

A correlação entre ‘Confronto e Resolução de Problemas’ (CRP) e ‘Despersonalização’ (DP) ($t = 2.222$, $p = 0.026$, (F^2) = 0.072) sugere que o uso de estratégias de CRP está associado a uma redução na despersonalização, embora o tamanho do efeito seja pequeno. Este resultado é consistente com a literatura que sugere que estratégias de *Coping* ativo podem ajudar a manter um senso de identidade e conexão com o trabalho (Lazarus & Folkman, 1984). A redução na despersonalização, por meio do CRP, indica que enfrentar problemas diretamente pode ajudar os trabalhadores a manter uma perspectiva mais humana e menos distanciada de seus colegas e responsabilidades, reduzindo um dos componentes centrais do *Burnout*.

A relação significativa entre ‘Reavaliação Positiva’ (ReP) e ‘Despersonalização’ (DP) ($t = 4.891$, $p = 0.000$, (F^2) = 0.228) indica que a reavaliação positiva está associada a um aumento na despersonalização, com um tamanho de efeito médio. Este achado sugere que, embora a reavaliação positiva possa ser benéfica em alguns contextos, ela pode estar levando os trabalhadores a se distanciar emocionalmente de suas responsabilidades e colegas, aumentando a despersonalização. Tal resultado destaca a importância de entender como diferentes estratégias de *Coping* são aplicadas e percebidas em contextos específicos, e sugere que a reavaliação positiva pode não ser sempre a estratégia mais eficaz para reduzir a despersonalização.

A correlação entre ‘Suporte Social’ (SS) e ‘Despersonalização’ (DP) ($t = 1.977$, $p = 0.048$, (F^2) = 0.064) sugere que o suporte social está associado a uma redução na despersonalização, embora o tamanho do efeito seja pequeno. Este resultado é consistente com a literatura que destaca a importância do suporte social como um recurso crucial na mitigação do *Burnout* (Maslach & Leiter, 2016). A redução na despersonalização através do suporte social indica que ter uma rede de apoio pode ajudar os trabalhadores a manter uma perspectiva mais humana e conectada, reduzindo o distanciamento emocional característico da despersonalização.

A correlação entre ‘Confronto e Resolução de Problemas’ (CRP) e ‘Realização Pessoal’ (RP) ($t = 9.580$, $p = 0.000$, (F^2) = 0.673) sugere que o uso de estratégias de CRP está fortemente associado a um aumento na realização pessoal, com um tamanho de efeito grande. Este achado é

consistente com a literatura que sugere que estratégias de *Coping* ativo podem promover um senso de competência e realização (Lazarus & Folkman, 1984). A forte correlação encontrada indica que enfrentar problemas diretamente e buscar soluções práticas pode ajudar os trabalhadores a sentir-se mais realizados e satisfeitos com seu trabalho, promovendo a resiliência e a saúde mental.

A relação significativa entre ‘Reavaliação Positiva’ (ReP) e ‘Realização Pessoal’ (RP) ($t = 4.320$, $p = 0.000$, $(F^2) = 0.214$) indica que a reavaliação positiva está associada a uma diminuição na realização pessoal, com um tamanho de efeito médio. Este achado sugere que, embora a reavaliação positiva possa ser benéfica em alguns contextos, ela pode estar levando os trabalhadores a subestimar suas próprias capacidades e realizações, resultando em uma sensação reduzida de realização pessoal. Tal resultado destaca a importância de entender como diferentes estratégias de *Coping* são aplicadas e percebidas em contextos específicos, e sugere que a reavaliação positiva pode não ser sempre a estratégia mais eficaz para aumentar a realização pessoal.

A análise dos dados coletados através do Questionário de *Coping* de Folkman e Lazarus, adaptado por Carlotto e Câmara, (2017) e posteriormente reorganizado por Luca *et al.* (2020), revelou *insights* valiosos sobre as estratégias de enfrentamento mais eficazes para os trabalhadores embarcados em unidades marítimas. Em particular, os construtos de ‘Suporte Social’ e ‘Confronto e Resolução de Problemas’ emergiram como os mais relevantes, demonstrando maior legitimidade através da modelagem de equações estruturais (MEE).

No contexto do ‘Suporte Social’, as questões que se destacaram incluem a busca por conversas sobre o problema para obter mais informações (item 7); a procura por alguém que pudesse agir concretamente sobre a situação (item 25); a busca por ajuda profissional (item 33) e o compartilhamento de sentimentos com outras pessoas (item 35). Estas questões, originalmente dispersas no questionário de Lazarus, foram agrupadas por Luca *et al.* (2020) sob o construto de ‘Suporte Social’, enfatizando a importância das relações interpessoais e do apoio externo no enfrentamento do estresse.

No que diz respeito ao ‘Confronto e Resolução de Problemas’, as questões relevantes abordam a concentração em ações para finalizar situações estressantes (item 16), a busca pelo lado positivo das situações (item 17), a persistência diante de desafios (item 36), o aumento de esforços para fazer o necessário (item 37) e a busca por soluções alternativas (item 38). Luca *et al.*, (2020) agruparam estas questões em um único construto, destacando a importância da proatividade e da resiliência no enfrentamento do estresse.

Ao focar nestas estratégias, baseadas nos construtos que demonstraram maior relevância através da análise MEE, as empresas podem criar um ambiente de trabalho que não apenas mitiga o estresse, mas também promove o crescimento pessoal e profissional de seus colaboradores. Isso, por sua vez, pode levar a melhorias significativas na qualidade de vida dos trabalhadores embarcados, contribuindo para operações mais seguras e eficientes nas plataformas.

6. CONCLUSÕES

Os resultados da pesquisa indicam que as estratégias de *Coping* voltadas à resolução de problemas, consideradas proativas, apresentam maior eficácia na mitigação do Burnout, ao passo que estratégias centradas na regulação emocional revelaram associação limitada ou até mesmo contraproducente em determinados casos. Tais achados corroboram os pressupostos teóricos de Lazarus e Folkman (1984), reforçando a relevância da abordagem transacional do estresse no contexto ocupacional extremo.

Observou-se um perfil de Burnout relativamente baixo entre os participantes, com destaque para baixos níveis de despersonalização, exaustão emocional controlada e elevada percepção de realização profissional. Essa configuração pode estar associada a políticas eficazes de gestão de pessoas, práticas compensatórias, períodos de descanso prolongados e a permanência de trabalhadores mais adaptados ao regime offshore.

Contudo, uma parcela da amostra apresentou indicadores críticos em algumas dimensões do Burnout, apontando para a necessidade de intervenções direcionadas à promoção da saúde mental e prevenção do adoecimento psíquico. A modelagem de equações estruturais confirmou a importância das estratégias de Coping ativo, como confronto e resolução de problemas, como elementos centrais na explicação dos desfechos associados à Síndrome de Burnout.

As implicações práticas do estudo reforçam a importância da incorporação de programas de desenvolvimento emocional e comportamental nas políticas de recursos humanos, com foco no fortalecimento da resiliência individual e das redes de apoio social. Essas ações são particularmente relevantes em ambientes adversos e de alta exigência, como o setor petrolífero offshore.

Apesar das contribuições teóricas e aplicadas, a pesquisa apresenta limitações, como o delineamento transversal e o uso exclusivo de medidas autorrelatadas, o que pode limitar a generalização dos resultados. A modelagem estatística foi ajustada a um contexto específico, exigindo cautela em sua replicação.

Diante disso, propõem-se futuras investigações que contemplem estudos longitudinais que avaliem a evolução dos níveis de Burnout ao longo do tempo, ampliação da amostra para diferentes setores industriais e perfis culturais, avaliação de intervenções voltadas ao treinamento em Coping ativo, uso de métodos qualitativos complementares, análise do papel de variáveis moderadoras (como tempo embarcado ou suporte familiar) e investigações sobre a relação entre estratégias de Coping e desempenho organizacional. Essas direções poderão aprofundar a compreensão sobre os mecanismos de enfrentamento em contextos extremos e subsidiar políticas organizacionais voltadas à promoção do bem-estar e à sustentabilidade emocional do trabalho em ambientes de alta complexidade.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, D. V. C., Oliveira, M. M., Gomes, J. C., & Lima, A. M. (2017). Síndrome de Burnout e suas implicações na saúde do trabalhador. *Revista Saúde (Santa Maria)*, 43(1), 65–76.
- Aldwin, C. M., Folkman, S., Schaefer, C., Coyne, J. C., & Lazarus, R. S. (1980). Ways of Coping: A process approach. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 48(1), 57–64.
- Almeida, A. P. C. de. (2017). Estratégias de Coping e indicadores psicossociais em trabalhadores embarcados offshore [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo].
- ANAMAT – Associação Nacional de Medicina do Trabalho. (2023). Pesquisa sobre estresse e Burnout no Brasil. ANAMAT.
- Antoniazzi, A. S. (2019). Coping: estratégias de enfrentamento e sua relação com variáveis individuais e situacionais. Loyola.
- Barbosa, R. E. M., & Alvarez, D. S. S. (2016). Condições de trabalho e saúde mental em plataformas offshore: Uma revisão integrativa. *Rev. Psicologia e Saúde*, 8(2), 35–51.
- Barros, R. A. (2021). Saúde mental no trabalho offshore: uma análise da percepção dos trabalhadores embarcados [Monografia de especialização, Universidade Estácio de Sá].
- Billings, A. G., & Moos, R. H. (1984). Coping, stress, and social resources among adults with unipolar depression. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46(4), 877–891.
- Bueno, M. M. F. (2008). Coping centrado em valores: Uma proposta complementar ao modelo tradicional. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília].
- Canova, M. S., & Porto, A. R. (2010). Síndrome de Burnout em profissionais de saúde: Revisão de literatura. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 63(4), 585–591.
- Carlotto, M. S., & Câmara, S. G. (2004). Análise da validade fatorial da Escala de Burnout (Maslach Burnout Inventory – MBI-HSS) em uma amostra de professores. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 521–528.
- Chen, W. Q., et al. (2005). Occupational stress and burnout among Chinese offshore oil workers. *Occupational Medicine*, 55, 479–484.

- Chin, W. W. (1998). The partial least squares approach to structural equation modeling. *Modern Methods for Business Research*, 295(2), 295–336.
- Choi, B. K. (2019). The impact of organizational climate on burnout and turnover intention among nurses. *Journal of Nursing Management*, 27(3), 620–627.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Field, A. (2009). *Descobrimos a estatística usando o SPSS* (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Figueiredo Filho, D. B., & Silva Júnior, J. A. (2009). Visão além do alcance: uma introdução à análise de equações estruturais. *Opinion Pública*, 15(1), 1–44.
- Folkman, S. (1984). Stress: Appraisal and Coping. In A. Monat & R. S. Lazarus (Eds.), *Stress and Coping: An anthology* (pp. 223–247). Columbia University Press.
- Folkman, S. (1986). *The Oxford handbook of stress, health, and Coping*. Oxford University Press.
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1980). An analysis of Coping in a middle-aged community sample. *Journal of Health and Social Behavior*, 21(3), 219–239.
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1985). If it changes it must be a process: Study of emotion and Coping during three stages of a college examination. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48(1), 150–170.
- Folkman, S., Lazarus, R. S., Gruen, R. J., & DeLongis, A. (1986). Appraisal, Coping, health status, and psychological symptoms. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(3), 571–579.
- Fornell, C., & Larcker, D. F. (1981). Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. *Journal of Marketing Research*, 18(1), 39–50.
- Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T. (2009). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS. Recuperado de <https://www.ufrgs.br/ebooksportal/dolivro>
- Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2005). *Análise multivariada de dados* (5ª ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2014). *Multivariate data analysis* (7th ed.). Harlow: Pearson Education.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2005). *Análise multivariada de dados* (5ª ed.). Bookman.
- Hair, J. F., Hult, G. T. M., Ringle, C. M., & Sarstedt, M. (2014). *A primer on partial least squares structural equation modeling (PLS-SEM)*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.
- Hobfoll, S. E. (1989). Conservation of resources: A new attempt at conceptualizing stress. *American Psychologist*, 44(3), 513–524.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2019). *Atlas da infraestrutura brasileira*. IPEA.
- Kobasa, S. C. (1979). Stressful life events, personality, and health: An inquiry into hardiness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37(1), 1–11.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984a). *Stress, appraisal, and Coping*. Springer Publishing Company.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984b). Coping and adaptation. In Gentry, W. D. (Ed.), *The handbook of behavioral medicine* (pp. 282–325). Guilford.
- Leite, M. P. (2009). Trabalho offshore e saúde mental: Desafios e perspectivas. *Revista Trabalho & Educação*, 18(2), 87–100.
- Leiter, M. P., & Maslach, C. (2005). Banishing burnout: Six strategies for improving your relationship with work. Jossey-Bass.
- Leiter, M. P., & Maslach, C. (2016). Latent burnout profiles: A new approach to understanding the burnout experience. *Burnout Research*, 3(4), 89–100.

- Luca, D. C. (2020). Versão reduzida do Inventário de Estratégias de Coping de Folkman e Lazarus: adaptação e evidências de validade. Dissertação de Mestrado, Universidade São Francisco.
- Luca, D. C., Ribeiro, R. F. M., & Falcone, E. M. O. (2020). Adaptação brasileira e evidências de validade da versão reduzida do Inventário de Estratégias de Coping. *Psico-USF*, 25(2), 297–308.
- Maslach, C., & Jackson, S. E. (1981). The measurement of experienced burnout. *Journal of Occupational Behaviour*, 2(2), 99–113.
- Maslach, C., & Leiter, M. P. (2016). Understanding the burnout experience: recent research and its implications for psychiatry. *World psychiatry*, 15(2), 103–111.
- Maslach, C., Jackson, S. E., & Leiter, M. P. (1996). Maslach Burnout Inventory manual (3rd ed.). Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- McCrae, R. R. (1984). Situational determinants of Coping responses: Loss, threat, and challenge. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46(4), 919–928.
- Menaghan, E. G. (1982). Measuring Coping effectiveness: A panel study of occupational stress. *Journal of Health and Social Behavior*, 23(3), 220–234.
- Murta, S. G., & Tróccoli, B. T. (2007). Coping no contexto do trabalho: Instrumentos e programas de intervenção. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(Esp.), 125–132.
- Nielsen, K. (2012). Organizational interventions to improve well-being and performance: A realist review. *Scandinavian Journal of Work, Environment & Health*, 38(3), 193–208.
- Pearlin, L. I., & Schooler, C. (1978). The structure of Coping. *Journal of Health and Social Behavior*, 19(1), 2–21.
- Petrobras. (2023). Relatório de sustentabilidade 2023. Petrobras.
- Polit, D. F. (2015). Essentials of nursing research: Appraising evidence for nursing practice (8th ed.). Philadelphia: Wolters Kluwer.
- Ringle, C. M., Silva, D., & Bido, D. S. (2014). Modelagem de equações estruturais com utilização do SmartPLS. *Revista Brasileira de Marketing*, 13(2), 56–73.
- Riulli, L. (2006). The role of organizational support in the relationship between burnout and intention to leave. *Work & Stress*, 20(2), 129–139.
- Rudolph, K. D., Denning, M. D., & Weisz, J. R. (1995). Determinants and consequences of children's Coping in the medical setting: Conceptualization, review, and critique. *Psychological Bulletin*, 118(3), 328–357.
- Savóia, M. G., & Santana, P. R. (1996). Adaptação do Inventário de Estratégias de Coping de Folkman e Lazarus para o português. *Psicologia USP*, 7(1/2), 183–201.
- Shanan, J., De-Nour, A. K., & Garty, M. (1976). Characteristics of stressful work situations and Coping behaviors. *Social Science & Medicine*, 10(1), 35–40.
- Silva Júnior, J. da, & Ferreira, M. C. (2007). Síndrome de Burnout e estratégias de enfrentamento entre trabalhadores embarcados: Um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, 12(3), 273–281.
- Singh, J. (2000). Performance productivity and quality of frontline employees in service organizations. *Journal of Marketing*, 64(2), 15–34.
- Sousa, R. R. de, Oliveira, F. A. de, & Cianconi, G. G. (2009). O Coping como variável mediadora no processo saúde-doença relacionado ao trabalho. *Psicologia em Revista*, 15(1), 127–143.
- Stone, A. A., & Neale, J. M. (1984). Effects of severe daily events on mood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46(1), 137–144.
- Ursin, H. (1980). Personality, activation and somatic health: A new psychosomatic theory. *Annals of Behavioral Medicine*, 2(1), 1–9.
- Weaton, B. (1983). Stress, personal Coping resources, and psychiatric symptoms: A longitudinal model. *Journal of Health and Social Behavior*, 24(2), 147–160.